

# **DISTRIBUIÇÃO DE PODER NO SÉCULO XX E O RETORNO DA BIPOLARIDADE NO SÉCULO XXI: AS DISPUTAS ENTRE EUA E CHINA**

*DISTRIBUTION OF POWER IN THE 20TH CENTURY AND THE RETURN OF BIPOLARITY IN THE 21ST CENTURY: DISPUTES BETWEEN THE USA AND CHINA*

*DISTRIBUCIÓN DEL PODER EN EL SIGLO XX Y EL REGRESO DE LA BIPOLARIDAD EN EL SIGLO XXI: DISPUTAS ENTRE EE. UU. Y CHINA*

Antônio Leonardo Amorim<sup>1</sup>  
Aldo Almeida Nunes Filho<sup>2</sup>

## **Resumo**

Esta pesquisa se propõe analisar a distribuição de poder entre os países no século XX, que passaram por momentos de multipolaridade na primeira metade do referido período, bipolaridade a partir do início da segunda metade, unipolaridade com a hegemonia dos EUA nos últimos anos daquele intervalo e início do século XXI, e retorno da bipolaridade, agora entre EUA e China, que tem se desenvolvido a partir de então. Diante disso, questiona-se, em que medida as disputas entre EUA e China promoverá o retorno da bipolaridade na distribuição de poder? Com a utilização de pesquisa bibliográfica e documental, este trabalho promove a discussão do dilema da segurança e a busca pela supremacia militar no século XX, além disso, promove diálogos sobre as disputas entre EUA e China pela hegemonia e o retorno de uma situação de bipolaridade no século XXI.

**Palavras-chave:** dilema da segurança; bipolaridade; EUA; China.

## **Abstract**

This research project aims to analyze the distribution of power between countries in the 20th century. The century was characterized by moments of multipolarity in the first half, bipolarity from the beginning of the second half, unipolarity with US hegemony in the last years of that period and the beginning of the 21st century, and a return of bipolarity, now between the USA and China, which has developed since then. Considering these developments, it is pertinent to inquire as to the extent to which the disagreements between the USA and China may facilitate the resurgence of bipolarity in the distribution of power. Through a synthesis of bibliographical and documentary research, this study endeavors to elucidate the security dilemma and the pursuit of military supremacy in the 20th century. Moreover, it seeks to initiate discourse surrounding the disputes between the USA and China for hegemony and the potential return of a bipolar situation in the 21st century.

**Keywords:** security dilemma; bipolarity; USA; China.

## **Resumen**

Esta investigación pretende analizar la distribución de poder entre países en el siglo XX, que pasaron por momentos de multipolaridad en la primera mitad de ese período, bipolaridad a partir del inicio de la segunda

---

<sup>1</sup>Professor Adjunto A no Curso de Direito da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus do Pantanal, Doutor em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina, bolsista CAPES durante o período do doutorado (2022/2023), Mestre em Direito pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2017-2019), bolsista CAPES durante o período do mestrado (2017-2018), Especialista em Direito Penal e Processo Penal (2017-2018), Bacharel em Direito pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (2012-2016) - Unidade de Naviraí/MS, pesquisador de Direito Penal, Processo Penal, Criminologia Crítica, Decolonialidade. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1464-0319>. E-mail: [antonio.amorim@ufms.br](mailto:antonio.amorim@ufms.br).

<sup>2</sup>Doutorando em Direito Internacional e Comparado na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (2020-2022). Mestre (2019) e Bacharel (2017) em Direito pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Coordenador Geral do Núcleo de Estudos em Tribunais Internacionais da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (NETI/USP). Membro da Academia Brasileira de Direito Internacional (ABDI). Tem experiência na área de Direito, com ênfase em Direito Internacional, Integração Regional e Direito Internacional dos Direitos Humanos. É advogado inscrito na OAB/SP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2261-9440>.

mitad, unipolaridad con la hegemonía de EE. UU. en los últimos años de ese intervalo y el inicio del siglo XXI, y el retorno de la bipolaridad, ahora entre EE. UU. y China, que se ha desarrollado desde entonces. Partiendo de eso, la pregunta es, ¿hasta qué punto las disputas entre EE. UU. y China promovieron el retorno de la bipolaridad en la distribución del poder? A partir de una investigación bibliográfica y documental, ese artículo analiza el dilema de seguridad y la búsqueda de la supremacía militar en el siglo XX, así como las disputas entre EE. UU. y China por la hegemonía y el retorno de la bipolaridad en el siglo XXI.

**Palabras clave:** dilema de seguridad; bipolaridad; EE. UU.; China.

## 1 Introdução

Esta pesquisa busca a compreensão da distribuição de poderes entre os países no século XXI, em especial de analisar temas relacionados à garantia da segurança, desde as grandes guerras do início do século XX, às disputas econômicas, políticas e tecnológicas da atualidade, o trabalho busca elencar pontos considerados essenciais para a compreensão do atual momento geopolítico, dentre os quais a compreensão do que é o dilema da segurança, que ajudou a moldar as relações entre os Estados e a distribuição de poder entre eles no período analisado.

Diante disso, questiona-se, em que medida as disputas entre EUA e China promoverá o retorno da bipolaridade na distribuição de poder? O presente artigo parte da metodologia da revisão bibliográfica e da análise documental, com uma abordagem qualitativa, a partir das quais lança mão de dois tópicos principais para o desenvolvimento do estudo, nos quais se debate, inicialmente, o dilema da segurança e a busca pela supremacia militar no século XX, para, na segunda parte tratar diretamente das disputas entre EUA e China por hegemonia e o possível retorno de uma situação de bipolaridade no século XXI.

Após, concentra-se na análise da distribuição do arsenal nuclear global após o fim da Guerra Fria, a partir do debate das posições das diferentes escolas de relações internacionais, que analisam tal dilema sob óticas distintas no que diz respeito à proliferação de países possuidores de tecnologia nuclear a partir de então, sendo tais considerações necessárias para a elucidação do novo cenário que se impôs, em que ladeiam a questão nuclear outros temas de igual importância.

Na sequência, perpassa a análise de como essa distribuição de poder se deu ao longo do tempo, a partir de uma situação de multipolaridade, no início do século passado, para uma divisão entre dois principais polos noutro momento, com a posterior consolidação de um deles como grande potência hegemônica global e a possível instauração de um novo momento de bipolaridade, agora entre EUA e China.

Por fim, discute-se esta modificação rumo à bipolaridade e os seus possíveis impactos na comunidade internacional, para compreender que este ocorre de forma diferente do

acontecido anteriormente, já que engloba novos fatores, que não eram tão relevantes à situação da Guerra Fria, além de tratar-se de um momento histórico diferente da anterior situação de bipolaridade.

## 2 O dilema da segurança e a busca pela supremacia militar no século XX

A disputa de poder entre os Estados é uma constante histórica, que, ao longo dos séculos, passou por modificações de formatos e em seus atores, mas manteve a busca pela supremacia militar como principal objetivo de cada um dos envolvidos, sempre com vistas a garantir posição privilegiada em relação aos demais.

Essa disputa, a partir do último século, passou a ser delineada no estudo das relações internacionais, de forma que fosse possível compreender quais são os aspectos que permeiam essa constante busca por poder, e, dentre eles, trouxe à tona o dilema da segurança, que, nos últimos anos, tem ajudado a explicar as relações entre os Estados e a distribuição de poder entre eles.

O termo, a partir do qual se discute um problema diretamente relacionado à escalada da disputa de poder entre grandes potências no passado recente, então componentes do sistema multilateral que se formou a partir do século XX, é conceituado no estudo das relações internacionais como a dúvida sobre se os incrementos militares por parte de um país aumentam efetivamente a sua segurança ou apenas geram mais insegurança ao cenário global<sup>3</sup>.

Isso porque o aumento dos investimentos em armamentos por um Estado geralmente é reconhecido pelos outros como uma ameaça, pelo receio de que se firme uma supremacia militar que permita a dominação de um perante os demais, motivo pelo qual, nas palavras de Robert Jervis, o ponto central do dilema baseia-se na afirmação de que o aumento da segurança de um Estado tende a diminuir a segurança dos outros<sup>4</sup>.

Essa percepção, a partir do século XX, tem sido responsável por provocar uma escalada de investimento em armas por diversos países, que causa, por consequência, uma escalada também na percepção de insegurança nas relações internacionais como um todo, já

---

<sup>3</sup> Referido dilema, para Ken Booth, baseia-se em um contraste que ocorre entre a ideia de proteção e a percepção externa de ameaça causada por movimentos que busquem a primeira. Para o autor, “(...) *this is the focus of our puzzle: those weapons that states can use for their own self-protection, potentially or actually threaten harm to others*” (Booth; Wheeler, 2008, p. 1). Booth define o dilema, que ele prefere chamar de ‘paradoxo da segurança’, como a situação em que dois ou mais atores, ao buscarem apenas melhorar sua própria segurança, provocam, por meio de suas palavras ou ações, um aumento na tensão mútua entre eles, resultando em menos segurança para todos.

<sup>4</sup> “*An increase in one state’s security decreases the security of the others.*” (Jervis, 1978, p. 186)

que estes países se acreditam cada vez mais inseguros ao observarem os incrementos militares de seus pares.

Mesmo John Herz, responsável por cunhar o dilema, conforme descrito por Booth e Wheeler (2008), não apresentou grande confiança em que uma visão cooperativa por parte da sociedade internacional se viabilizasse a ponto de superar a busca incessante dos Estados a ela pertencentes por meios de se sobrepor aos demais.

Conforme estabelecido, portanto, o próprio conceito do dilema da segurança apresenta a seus intérpretes uma aparente vantagem em se preparar para o pior<sup>5</sup>, a partir da visão de que pode ser mais danoso se manter aberto e correr o risco de ser surpreendido por um ataque do que aceitar os custos e os riscos de mergulhar em uma luta armamentista pelo poder (Booth; Wheeler, 2008).

Independentemente da visão que se tenha a respeito do dilema, o que se observa é que sua existência é facilmente comprovada a partir da experiência recente na qual diversos Estados têm se ‘acotovelado’ em busca de um maior incremento bélico que os beneficiem com a consolidação de efetiva vantagem sobre os demais, ou, ao menos, que não os deixem defasados em relação aos demais.

Os exemplos do século XX são amplamente reconhecidos, tendo ocorrido em ocasiões como as duas grandes guerras<sup>6</sup>, que tomaram lugar na primeira metade do período, e a partir das quais vários Estados disputaram posições de protagonismo no cenário global, que era, naquele momento, multipolarizado, o que permitiu que se destacassem forças como Reino Unido, os EUA, a União Soviética, entre outros atores<sup>7</sup>.

Outra importante ocasião foi a da Guerra Fria, iniciada na segunda metade daquele século por duas grandes potências que se consolidaram no pós-guerras e protagonizaram um dos mais recentes exemplos de corrida armamentista e busca por supremacia tecnológica e geopolítica.

---

<sup>5</sup> Esta visão é reafirmada por Booth, ao anotar que “*in Herz’s conceptualization, therefore, the security dilemma had a fatalistic inevitability about it.*”, e que, por este motivo, “*His reflections about the states system led him to the conclusion that there was ‘apparently no escape from the vicious circle’ of the securit dilemma; he belived it a necessary consequence of social life*” (Booth; Wheeler, 2008, p. 23).

<sup>6</sup> “[...] *it is important to avoid being drawn into a sense of complacency given the vast destruction that the two great power wars of the twentieth century caused throughout the world. Great power wars may have become more infrequent, but the impact of such conflicts has clearly increased: after forty-three years of peace, the First World War resulted in the deaths of 37 million people, while the number of fatalities in the Second World War was around twice that figure.*” (Coker, 2015, p. 174).

<sup>7</sup> “*Scholars such as Morgenthau maintained that the international system had shifted from multipolarity to bipolarity in the aftermath of the Second World War because the United States and the Soviet Union, “in view of their enormous superiority over the power next in rank [Great Britain], deserved to be called superpowers.” 25 Insofar as it was the growing power gap between the Soviet Union (#2) and Great Britain (#3) that had a greater effect on the restructuring of the international system from multipolarity to bipolarity between 1945 and 1950 than changes in the gap between the United States (#1) and the Soviet Union, it will be contended here that a similar power gap is developing today between China and the third-ranking power*” (Tunsjø, 2019, p. 11).

Reconhecido como um dos períodos de maior tensão internacional deste o fim da Segunda Guerra Mundial, as relações estabelecidas ou rompidas durante os anos da Guerra Fria foram determinantes para a divisão do mundo, naquele momento, em dois polos: de um lado os EUA, potência econômica capitalista no auge de sua ascensão, e do outro a URSS, socialista, com forte presença estratégica e territorial em importantes espaços da geopolítica global.

Essa divisão se deu, apesar de outros fatores, principalmente pela corrida armamentista e tecnológica estabelecida entre aqueles dois atores, em uma disputa pela dominância global, em que o vencedor demonstraria para o restante do planeta a supremacia de sua forma de governo e gestão das relações políticas, desenvolvimento tecnológico, entre outros fatores.

Referida disputa, que teve, antes de qualquer outro, o objetivo maior de demonstração de forças entre os dois lados, esteve intimamente relacionada ao desenvolvimento de armas nucleares e sua utilização, por ambos, para impor ao restante do mundo o medo como forma de dominação<sup>8</sup>.

O período da Guerra Fria se encerrou com o colapso da União Soviética, que, conforme pontuado por William C. Wohlforth, produziu a maior mudança nas relações de poder mundial desde a Segunda Guerra Mundial<sup>9</sup>, que ocasionou a transição de um cenário bipolarizado para um unipolarizado<sup>10</sup>, sob dominação dos EUA, algo sem precedentes na história, já que nunca na história moderna, um Estado gozou, sozinho, de tamanho poder perante os demais.

Segundo Wohlforth (1999), essa unipolaridade não seria uma condição passageira; e, pelo contrário, teria potencial para durar várias décadas<sup>11</sup>, não sendo, para ele, necessariamente ruim e tendendo à paz, por conta do efeito causado pela grande discrepância de poder entre a potência hegemônica e os demais atores, que desestimula os menos poderosos a tentar superar o poder do mais forte<sup>12</sup>.

---

<sup>8</sup> Sobre este formato, Mary Kaldor afirma que *“The Cold War sustained a kind of permanent war psychosis based on the theory of deterrence which is best encapsulated in the slogan ‘War is Peace’ in Orwell’s Nineteen Eighty-Four”* (Kaldor, 2012, p. 31), e que, esta guerra, portanto *“[...] kept alive the idea of war while avoiding its reality.”* (Kaldor, 2012, p. 31).

<sup>9</sup> Isto porque *“with Moscow’s headlong fall from superpower status, the bipolar structure that had shaped the security policies of the major powers for nearly half a century vanished”* (Wohlforth, 1999, p. 5), o que permitiu, então, que os EUA dominassem, sozinho, o cenário global.

<sup>10</sup> Um cenário unipolarizado pode ser representado por *“[...] a structure in which one state’s capabilities are too great to be counterbalanced”* (Wohlforth, 1999, p. 9).

<sup>11</sup> *“It is a deeply embedded material condition of world politics that has the potential to last for many decades”*. (Wohlforth, 1999, p. 37)

<sup>12</sup> *“The raw power advantage of the United States means that an important source of conflict in previous systems is absent: hegemonic rivalry over leadership of the international system”* (Wohlforth, 1999, p. 7).

O período pós-guerra Fria, portanto, foi, inicialmente, marcado por um grande otimismo global com a possibilidade de uma convivência pacífica a partir do fim da ameaça iminente de uma guerra de proporções apocalípticas pudesse ocorrer a qualquer momento, com a conseqüente esperança, no período, de que as grandes guerras haviam terminado<sup>13</sup>.

Esse otimismo, contudo, logo foi ladeado pela compreensão de que as duas potências que se enfrentaram no período anterior já não eram mais as únicas com poder nuclear suficiente e que outros atores precisariam ser olhados com atenção pelo restante dos países<sup>14</sup>, tendo em vista o crescente atingimento de capacidade nuclear por atores que, durante o período bipolarizado, não gozavam de grande relevância para o cenário global.

A preocupação com a proliferação nuclear, portanto, formou duas escolas de pensamento no âmbito das relações internacionais<sup>15</sup>, sendo uma delas otimista a respeito da ampliação de atores com poderio nuclear, sob o argumento de que, com maior distribuição de poder, haveria menos risco de um conflito real motivado pela vontade de um ou poucos atores, e outra pessimista, que defendia que a proliferação desenfreada traria um descontrole da situação e potencializaria as chances de que, por um erro ou situação restrita, um conflito se iniciasse<sup>16</sup>.

O surgimento destas escolas dividiu, portanto, as percepções sobre como a proliferação nuclear atingiria o contexto global e se seu impacto seria positivo ou negativo frente à situação anterior, em que apenas dois atores disputavam a supremacia militar e tecnológica, sobre as quais Karl ressalta que a análise da nova perspectiva sobre a proliferação nuclear não deve ser encarada a partir da experiência havida em momento anterior, que não mais representa a realidade das relações internacionais<sup>17</sup>.

Nesse mesmo sentido segue a compreensão de Kenneth N. Waltz, em capítulo de livro escrito junto a Scott D. Sagan sobre o tema, em que reconhece não haver escolhas felizes, pois mesmo que fosse possível evitar a proliferação nuclear, essa opção não seria menos danosa, já que os possuidores de armamento nuclear possuem, ao menos, certo receio de dar início a conflitos nucleares por conhecerem as amplas conseqüências possivelmente causadas por um

---

<sup>13</sup> Nas palavras de Kaldor, “[...] there was a lot of optimism about the possibilities for solving global problems, particularly wars.” (Kaldor, 2012, p. 119).

<sup>14</sup> Afirma David Karl que “*With concerns about the spread of nuclear weapons increasing, scholars and policy analysts have turned in earnest to nonproliferation issues.*” (Karl, 1996-1997, p. 88).

<sup>15</sup> Formaram-se, após a Guerra Fria, “*Two schools of thought, proliferation "optimism" and "pessimism," provide competing assessments on the likely hazards of spreading nuclear weapons*” (Karl, 1996-1997, p. 88).

<sup>16</sup> Karl deixa claro, dentre aquelas perspectivas, que, apesar de não se colocar como um otimista, sua visão é contrária à do pessimismo, como quando afirma que “*The supposition that emerging nuclear forces will acquire the baleful characteristics of superpower arsenals is suspect, partly because it is based on a model of nuclear operations that is peculiar to the Cold War*” (Karl, 1996-1997, p. 117).

<sup>17</sup> Karl afirma que “*the superpower-centric view of proliferation articulated by the new pessimism is unproven at best and flawed at worst*” (Karl, 1996-1997, p. 118), tornando-se necessário que novos estudos, a partir do contexto atual, considerem o real comportamento desses novos atores e não busquem analogia relacionada às posições da Guerra Fria.

acontecimento do tipo, enquanto que os possuidores de armamentos convencionais não possuem esse receio e tendem a, muito mais facilmente, iniciarem conflitos armados tendo em vista a menor amplitude de tais armamentos<sup>18</sup>.

A vantagem da proliferação nuclear, portanto, ao invés da concentração deste tipo de armamento na mão de pouquíssimos Estados, se daria justamente pelo paradoxal aumento na sensação de segurança por parte de uma maior quantidade de atores, e que, por isso, a insistência dos EUA em controlar essa proliferação estaria com os dias contados<sup>19</sup>.

Conclui Waltz (1995), portanto, que armamentos nucleares dificultam a possibilidade de ações mal calculadas por conta do receio da utilização desse tipo de armamento<sup>20</sup>, e reafirma a ideia de que os novos possuidores desses armamentos estariam mais conscientes da capacidade destrutiva de tais, e que, por isso, é menos provável que desencadeiem sua utilização<sup>21</sup>.

A partir dessa perspectiva, portanto, e considerando também a reconhecida concretização de acordos multilaterais acerca do tema, e de outras documentações redigidas desde o início do período de proliferação nuclear, compreende-se que há certa estabilização sobre o tema, de modo que não é esperado que grandes conflitos nucleares surjam nos próximos anos.

Necessário observar, também, que apesar das preocupações desencadeadas a partir do momento de proliferação nuclear do pós-guerra Fria, este não pode ser considerado como um período de multipolarização, tendo em vista que durante todo o período permaneceu a supremacia militar dos EUA, que, mesmo sem atuação militar direta sobre os possuidores de armas nucleares, não deixou de exercer controle sobre estes, seja por meios políticos ou econômicos.

### **3 As disputas entre EUA e China e o retorno da bipolaridade no século XXI**

Mais de vinte anos após o início do século XXI, o cenário global já não é mais o mesmo daquele encontrado no fim da Guerra Fria e no início do período de hegemonia dos EUA, e a possibilidade de uma nova polarização se aproxima à medida que a China se

---

<sup>18</sup> De acordo com o autor, “[...] the alternative to nuclear weapons may be ruinous arms races for some countries with a high risk of their becoming engaged in devastating conventional wars” (Waltz, 1995, p. 42), já que, conforme ressalta, portadores de armas convencionais não hesitam tanto em combater como fazem os que possuem arsenal nuclear, resumindo a ideia ao afirmar que “Nuclear weapons make wars hard to start” (Waltz, 1995, p. 45).

<sup>19</sup> Isto porque “If countries feel insecure and believe that nuclear weapons would make them more secure, America’s policy of opposing the spread of nuclear weapons will not prevail” (Waltz, 1995, p. 42).

<sup>20</sup> “Nuclear weaponry makes miscalculation difficult because it is hard not to be aware of how much damage a small number of warheads can do.” (Waltz, 1995, p. 45)

<sup>21</sup> “New nuclear states will be more concerned for their safety and more mindful of dangers than some of the old ones have been” (Waltz, 1995, p. 45).

apresenta, cada vez mais, em contraposição aos EUA, como um considerável “concorrente” à posição de líder no cenário global por diversos fatores.

O primeiro desses fatores é que a China, assim como outros países, ao longo do período de proliferação nuclear, participou da corrida armamentista<sup>22</sup>, dominaram aquela tecnologia e construíram um considerável reserva de armas do tipo<sup>23</sup>, sendo que o país, em razão do tamanho do arsenal adquirido, posicionou-se, naquele momento, como uma importante potência nuclear.

Outro ponto importante, foi o expressivo crescimento econômico alcançado pelo país ao longo das últimas décadas, principalmente nos setores industriais, a partir da bem-sucedida abertura do país a fábricas voltadas à exportação de bens de consumo para o mercado global, tornando-se atrativa, inicialmente, por sua abundante mão de obra e tendo mantido a atratividade a partir do investimento tecnológico e em uma infraestrutura global de transporte de mercadorias.

Para além destes fatores, o ponto chave, contudo, para o início das ações que transformaram a China em uma potencial candidata a um novo período de bipolarismo na esfera global foi a V Assembleia Nacional Popular em 1978, evento político que definiu a estratégia do país para os próximos anos e foi batizado de “As Quatro Modernizações”, cujo objetivo foi o de desenvolver o país a partir de reformas internas que gerassem modernização e maior engajamento com o mercado global, dentre elas a implantação das Zonas Econômicas Especiais, ação reconhecidamente bem sucedida, que abriu espaço para empresas estrangeiras instalarem-se no país, em áreas de baixo desenvolvimento, gerando riqueza a partir de localidades antes excluídas do mercado de consumo.<sup>24</sup>

Além disso, apesar de não pactuarem dos mesmos ideais políticos e de desenvolvimento, a China buscou, em seu período de modernização, o apoio de empresas

---

<sup>22</sup> “Ao verem esvaír-se seu monopólio das armas nucleares ao longo das primeiras duas décadas do pós-guerra, e depois da situação-limite configurada nos riscos da crise dos mísseis em Cuba, os dois grandes antagonistas encontraram um espaço de cooperação e interesse comum na gestão oligárquica das questões a elas ligadas. Tal visão consubstanciou-se justamente no TNP, assinado em 1968, cujas disposições admitiam apenas EUA, URSS, Reino Unido, França e China como detentores de armas nucleares, sendo que, como já apontado. Os dois últimos inicialmente não aderiram ao regime do tratado, preservando por vários anos sua margem de manobra quanto à cooperação nuclear com terceiros Estados.” (Lafer, 1998, p. 4)

<sup>23</sup> “A motivação estratégica, desde o início do surgimento de armamentos nucleares, esteve relacionada com a função que a arma nuclear, chamada de “arma da vitória”, desempenhou na Segunda Guerra Mundial. Por mais equívoca que fosse esta idolatria das armas atômicas, os quatro membros permanentes das Nações Unidas e a China comunista entraram em uma corrida desenfadada aos armamentos nucleares no clima do confronto da Guerra Fria.” (Zhebit, 2017, p. 124)

<sup>24</sup> “As Quatro Modernizações foram implementadas e orientadas pelo regime socialista, e tinham como principal objetivo a modernização das estruturas produtivas do país. Assim, nesse momento, Deng engrena uma série de reformas a fim de desenvolver o país, promovendo um maior intercâmbio com o mercado internacional, a substituição de importações e a obtenção de recursos e tecnologia. Neste primeiro momento, Beijing estimula o comércio exterior e a entrada de investimentos externos para o desenvolvimento do país. [...] A ênfase no programa das Quatro Modernizações foi voltada à criação de uma plataforma exportadora, ao desenvolvimento da região costeira do país, à criação das Zonas Econômicas Especiais, ao incentivo para a entrada de investimentos externos, à desvalorização da moeda chinesa, o *renminbi*, e outras medidas tomadas pelo governo chinês a fim de impulsionar as reformas” (Shu, 2005, p. 31).



estadunidenses e do governo do país<sup>25</sup>, em uma demonstração de que priorizou, naquele momento, os esforços voltados ao plano de desenvolvimento em detrimento de desacordos referentes a outras divergências políticas.<sup>26</sup>

Essa atuação se deu porque o governo chinês esteve ciente, durante todo o período de modernização econômica, de que precisava da abertura comercial dos EUA, seja para continuar atraindo o capital de investidores do país e de seus aliados ou para manter as vendas no mercado consumidor estadunidense, bastante importante para a China àquela altura.<sup>27</sup>

A estratégia chinesa, portanto, catapultou o país para um papel de protagonismo global, que se ampliava à medida que a economia global se tornava mais dependente de sua cadeia produtiva, dominando mercados importantes e tomando um lugar que os EUA detinham anteriormente, o de maior exportador de produtos de tecnologia de informação, como celulares, computadores, câmeras, entre outros.<sup>28</sup>

A compreensão do crescimento econômico chinês é necessária para que se entenda a importância global do país, principalmente porque a partir do início do século XXI, seu ganho de relevância passou a refletir-se, não apenas nos índices comerciais, mas também no balanço de poder político e militar global, com o crescimento da atuação política<sup>29</sup> da China nos mecanismos internacionais e os massivos investimentos militares<sup>30</sup> que o país passou a fazer em suas forças armadas.

Nesse mesmo período, e a partir do reconhecimento global da China como grande potência econômica e militar, a política externa do país começou a buscar um alargamento de

---

<sup>25</sup> “China’s leaders have learned that the relationship with the United States is too important to play politics with it. The symbiosis between the two giant economies gives both governments a strong incentive not to rock the relationship” (Shirk, 2007, p. 25).

<sup>26</sup> “[...] As peculiaridades desse ciclo da política externa chinesa residem no aprofundamento da inserção internacional da China e no alcance da plenitude das relações sino-americanas. Para Beijing, reatar-se com Washington poderia significar a obtenção de recursos para o seu desenvolvimento e possibilidades para o seu engajamento externo. Tal como dizia a observação pragmática de Deng, “não importa se o gato é branco ou preto, desde que pegue os ratos, é um gato bom” (Shu, 2005, p. 32).

<sup>27</sup> “China’s leaders confront a difficult dilemma in dealing with the United States. On the one hand, China’s success, and the leaders’ own power, depend on cooperation with the United States. If the United States declared China the enemy in a new Cold War and tried to tie an economic noose around it, China’s economic growth and job creation would be slowed and domestic problems would mount even if few American allies joined the U.S. effort” (Shirk, 2007, p. 212).

<sup>28</sup> “By any measure, China is a power rising in economic strength at a remarkable pace. Since 1978, when Deng Xiaoping introduced reforms to replace Stalinist-style central planning with a market economy and to open the country to foreign trade and investment, China has grown into one of the largest and most dynamic economies in the world. [...] Most remarkably, China has overtaken the United States to become the world’s leading exporter of information and communication technology products like mobile telephones, laptop computers, and digital cameras. It also is the largest producer of computer hardware, although it lags behind in software development” (Shirk, 2007, p. 12).

<sup>29</sup> “China’s economic strength also translates into international political influence. China’s “economic whirlpool” attracts not just money and technology, but “influence and appeal in international politics” as well, said *Global Times* (Huanqiu Shibao). Big countries that import a lot—like the United States and China—can use their market power to get their way. No country wants to get on the wrong side of its biggest customer” (Shirk, 2007, p. 21)

<sup>30</sup> “China’s economic miracle has helped turn the People’s Liberation Army from a ragtag peasant army into a modern military force. [...] Since the beginning of the 1990s, the PLA has enjoyed double-digit increases in its official budget. The technological prowess nurtured in the civilian economy also is enhancing the PLA’s military capabilities” (Shirk, 2007, p. 21).

sua influência no âmbito global, o que, naturalmente, passou a gerar incômodo aos EUA, que, já há muito tempo, não se viam compelidos a lidar com um poder que fizesse frente à hegemonia conquistada pelo país ao longo das últimas décadas do século anterior.

Intensificada nos últimos anos, a disputa entre os dois países por dominância global tem se dado em diferentes frentes, sendo possível citar vários exemplos, como os conflitos econômicos<sup>31</sup> protagonizados por eles no âmbito da Organização Mundial do Comércio, os conflitos políticos<sup>32</sup>, causados a partir da disputa pela implantação ou não de antenas da fabricante chinesa Huawei das redes de internet 5G em diversos países do mundo, além dos conflitos militares<sup>33</sup>, gerados a partir das constantes tensões e pelos recorrentes exercícios militares realizados tanto pelos EUA quanto pela China em zonas estratégicas para ambos.

A complexa relação existente entre os países e as demonstrações que ambos tem feito ao longo dos últimos anos, portanto, abrem margem para a possibilidade de uma escalada de embates que ocasionem, por fim, um conflito declarado entre ambos, que certamente teria consequências que abrangeriam não somente os Estados mencionados, mas todo o sistema global de relações internacionais<sup>34</sup>, tendo em vista a enorme presença que possuem em todas as regiões do globo<sup>35</sup>.

Considerados tais aspectos, é possível perceber uma tendência de consolidação da China como um ator equivalente aos EUA nos próximos anos e, por consequência, uma modificação do status global até então unipolarizado, com a hegemonia da superpotência norte-americana, para a retomada de uma situação de bipolaridade, não mais envolvendo a há muito dissolvida União Soviética, mas agora a China<sup>36</sup>.

---

<sup>31</sup> *“Imposition of unilateral tariffs by the Trump Government, while in breach of US domestic legislation and case laws, as well as the country’s obligations under the GATT 1994, portends a clear danger to the continued existence of the WTO and to international trade in general”* (Nwoke, 2020, p. 1).

<sup>32</sup> *“The escalation of the national security debate around Huawei has caught a number of 5G enthusiasts off guard. The United States, Australia, New Zealand, Japan and the Czech Republic, among others, have imposed restrictions on the use of Huawei 5G solutions over national security concerns; much of Europe is pondering whether to follow suit. Summed up, the nations’ worries are rooted in the ties between Chinese communications technology companies and its intelligence services, reinforced by China’s political and legal environment requiring cooperation with intelligence agencies. Perceived or real, fears persist that adopting Huawei 5G technology will introduce a critical reliance on equipment that can potentially be controlled by the Chinese intelligence services and the military in peacetime and in crisis”* (Kaska et al., 2019, p. 5).

<sup>33</sup> *“China is becoming an increasingly important driver of U.S. military requirements. Given the importance of East Asian military issues, one might expect both a vigorous public debate on the subject and a substantial analytical literature to support the discussion”* (Heginbotham, 2015, p. 5).

<sup>34</sup> *“A Sino-American war could prove to be the most ruinous war that the world has ever witnessed, if not in terms of loss of life then certainly in terms of the disruption it would cause to the world economy, particularly if the conflict was at least partly conducted in space. Every great power conflict has been worse than the last”* (Coker, 2015, p. 174)

<sup>35</sup> *“The two sides need to enhance their communication and collaboration in addressing global challenges. More importantly, China and the United States must not let ideological competition become a new defining feature of their relationship. Without doubt, the United States and China are the most important players in shaping the future international order. US–China strategic competition must have global consequences”* (Zhao, 2019, p. 394)

<sup>36</sup> *“China is catching up with the United States faster than any other great power is catching up with China. The power gap between China and the third-ranking power is now so great that we can start thinking of the international system as*

Essa nova divisão bipolar do globo, contudo, tende a ter efeitos distintos da anterior e também do multipolarismo desencadeado em outros períodos históricos, já que os custos, não apenas financeiros, de uma guerra armada são, hoje, muito superiores ao que já foram, tendo em vista as consequências econômicas e políticas potencialmente acarretadas por movimentos do tipo, ao que torna-se mais provável que quaisquer conflitos futuros entre estas potências se deem, efetivamente, nos âmbitos econômico e político.

Apesar disso, também é temeroso garantir que não haja possibilidade de novos conflitos armados, já que, conforme visto, escaladas armamentistas e tensões localizadas podem ocorrer rapidamente ou serem originadas, embora seja improvável, por casualidades, de forma que não se deve subestimar o alcance da disputa entre EUA e China, enquanto se desafiam em busca de hegemonia<sup>37</sup>.

#### 4 Conclusão

O dilema da segurança, inicialmente introduzido por John Herz e debatido por Ken Booth; Wheeler e Robert Jervis é um dos mais importantes aspectos quando se procura entender as relações de distribuição de poder no mundo, sendo que embora se discuta sua inevitabilidade, é certo que este conceito perseguiu os atores globais em sua atuação por todo o último século e neste que se inicia (XXI).

A confirmação do dilema da segurança apoia-se, principalmente, nos atritos que se deram durante tais períodos e que modificaram, de tempos em tempos referidas relações de distribuição de poder, sendo que se no início do século XX havia uma maior tendência ao multipolarismo, após sua primeira metade esta passou a ser de uma bipolaridade protagonizada por EUA e URSS no período da Guerra Fria para, nos anos finais daquele século ser novamente reavaliada, a partir do que começou a se falar em um mundo unipolar, perante a consolidação hegemônica dos EUA.

---

*bipolar. This argument is reinforced by an examination of the distribution of capabilities in the early stages of the previous bipolar system, which shows a roughly similar distribution to that of the current bipolar system” (Tunsjø, 2018, p. 16)*

<sup>37</sup> *“We may never know for sure where those propensities will lead but we can still work with what Popper called an ‘objective theory of probability’ (Popper, 1990: 148). Some outcomes are more likely than others. In the end, those propensities restrict the number of things that can happen, determine some of the things that will happen and make it possible to assign greater or lesser probabilities to the rest. It is in that limited but still vital respect that it is worth discussing them. On that basis it is perfectly plausible to deduce that another great power war is improbable. But the world also believed this to be true in 1913, and there were good grounds for holding to such a belief—some of the conflicts which should have broken out had failed to do so. But as historians would contend, each non-event such as a war between Russia and Britain in the 1890s has to be explained on its own terms. It is clearly the case that great power wars have become increasingly rare, and one reason for this could be the ever growing complexity of the contemporary world. The costs of war have risen while the payoffs have decreased. But complexity does not negate the logic of great power conflict, it merely complicates it” (Coker, 2015, p. 175)*

A partir do final daquele conflito, além da verificação de graves violações de Direitos Humanos, os Estados passaram a ser detentores de armamentos nucleares e a principal discussão passou a ser, então, a respeito dos riscos de uma maior quantidade de atores controlarem armamentos com potencial destrutivo tão amplo, ao que surgiram no estudo das relações internacionais as correntes do pessimismo e a do otimismo, que acabou se sobressaindo.

A partir do argumento de que a situação atual não é mais a mesma do início da Guerra Fria, e que, se naquele período o poder nuclear ainda começava a ser vasculhado e a ter seus limites testados, hoje tem sua amplitude e possibilidades bastante conhecidas, o que permite concluir que os novos Estados possuidores de armamentos do tipo agem e continuarão agindo com muito mais cautela que outrora, o que permite uma sensação geral de segurança maior do que a concentração de um arsenal tão relevante na mão de apenas dois atores e seus objetivos.

Essas tendências, contudo, são dinâmicas, e, já nos primeiros anos do século XXI se mostram como tal, com o surgimento de um novo movimento tendente à bipolaridade, com a apresentação da China como um novo e importante ator a disputar com os EUA o posto de potência hegemônica global, pautado por discussões que transbordam as considerações sobre o poderio militar – dominado por ambos – para incluir no contexto também elementos econômicos e políticos.

Apesar de tender a disputas voltadas de forma mais específica a questões econômicas e políticas, essa nova divisão bipolar deve ser cuidadosamente observada, pois tende a gerar impactos em todo o cenário das relações internacionais, em especial, nas possíveis violações de Direitos Humanos, já que qualquer conflito militar em busca de poder, pode ceifar a vida de muitas pessoas inocentes, além de não se poder excluir a possibilidade de conflitos armados entre os países envolvidos, já que, como visto, estes podem ser desencadeados por questões menores, que se encadeiem em um curto espaço de tempo.

## Referências

BOOTH, K.; WHEELER, N. **The security dilemma**: fear, cooperation and trust in world politics. New York: Palgrave, 2008.

COKER, C. **The Improbable War**: China, The United States and Logic of Great Power Conflict. Oxford: Oxford University Press, 2015.

HEGINBOTHAM, E. **The U.S.-China military scorecard**: forces, geography, and the evolving balance of power, 1996-2017. Santa Monica: RAND Corporation, 2015.

JERVIS, R. Cooperation under Security Dilemma. **Cambridge University Press**, Princeton, v. 30, n. 2, p. 167-314, 1978. Disponível em: <https://www.sfu.ca/~kawasaki/Jervis%20Cooperation.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2024.

KALDOR, M. **New and old war: organized violence in a Global Era**, Third Edition. Stanford: Stanford University Press, 1999.

KARL, D. Proliferation pessimism and emerging nuclear powers. **The MIT Press**, Cambridge, v. 21, n. 3, p. 87-119, 1996-1997. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8336059/mod\\_folder/content/0/David%2C%20Karl.pdf?forcedownload=1](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8336059/mod_folder/content/0/David%2C%20Karl.pdf?forcedownload=1). Acesso em: 05 dez. 2024.

KASKA, K.; BECKVARD, H.; MINARIK, T. **Huawei, 5G and China as a security threat**. NATO Cooperative Cyber Defence Center for Excellence (CCDCOE), 2019.

LAFER, C. **As Novas Dimensões do Desarmamento: os Regimes de Controle das Armas de Destruição em Massa e as Perspectivas para a Eliminação das Armas Nucleares**. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP, 1998. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/laferdesarmamento.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2024.

NWOKE, U. Imposition of trade tariffs by the USA on China: implications for the WTO and international trade law. **Journal of International Trade Law and Policy**, [s. l.], v. 19 n. 2, p. 69-84, 2020. DOI: 10.1108/JITLP-01-2019-0003. Disponível em: <https://international.vlex.com/vid/imposition-of-trade-tariffs-851567333>. Acesso em: 05 dez. 2024.

SHIRK, S. L. **China: The Fragile Superpower: How China's Internal Politics Could Derail Its Peaceful Rise**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

SHU, S. S. S. **A inserção internacional da China no Pós-Guerra Fria**. 2005. 112 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

TUNSIJØ, Ø. **The Return of Bipolarity in World Politics: China, the United States, and Geostructural Realism**. Nova Iorque: Columbia University Press, 2018.

WALTZ, K. More may be better. In: SAGAN, S. D; WALTZ, K. **The spread of nuclear weapons: a debate**. New York/London: W.W Norton, 1995.

WOLFORTH, W. C. The Stability of a Unipolar World. **International Security**, Cambridge, v. 24, n. 1, p. 5-41, 1999. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5237111/mod\\_folder/content/0/Wohlforth%20W.pdf?forcedownload=1](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5237111/mod_folder/content/0/Wohlforth%20W.pdf?forcedownload=1). Acesso em: 05 dez. 2024.

ZHAO, M. Is a New Cold War Inevitable? Chinese Perspectives on US–China Strategic Competition. Oxford: **The Chinese Journal of International Politics**, [s. l.], v. 12, n. 3, p. 371–394, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1093/cjip/poz010>. Disponível em: <https://academic.oup.com/cjip/article/12/3/371/5544745?login=false>. Acesso em: 05 dez. 2024.

ZHEBIT, A. Proliferação Nuclear no Pós-Guerra Fria. **Diálogos**, [s. l.], v. 12, n. 2/3, p. 113-142, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/38153>. Acesso em: 05 dez. 2024.